



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Leitura e literatura: o letramento literário como possibilidade de intelectualização

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges¹

Fábio de Souza Paes²

Resumo: O presente artigo tem por intuito mostrar de forma clara, a qualidade do letramento literário enquanto ferramenta que possibilita analisar as peculiaridades dos inúmeros discursos, que são construídos no íntimo da literatura e no âmbito social. Nesse sentido, salientou-se ainda a qualidade que reside na literatura e na leitura, e mostrando que esta se potencializa e se constitui peça fundamental para que se trabalhe o letramento literário. Este é visto no trabalho como elemento/ferramenta que possui em seu bojo de possibilidades, a qualidade necessária para que se analise mais do que a superfície tanto das obras, como, também, de nosso posicionamento enquanto seres pensantes e críticos, assim como, as inúmeras ideologias impregnadas nos vários discursos que constroem as leituras. O trabalho se fundamentou segundo Cosson, Lajolo, Rojo, Freire, Zilberman, Foucault entre outros que trabalham em concretizar não somente, a qualidade ímpar da leitura, da literatura, como, também, no quesito de construções ideológicas assim como, as qualidades estéticas da literatura e o letramento literário.

Palavras-chave: Letramento Literário; Literatura; Leitura; Ideologias.

Abstract: This paper aims to show clearly and shrewd the literatur tireracy's quality as a tool that makes it possible to see the peculiarities of numerous speeches, which ar built in the depths of literature and social context. Therefore, it was emphasized also the unique quality that resides in literature an reading, showing the potential from them, and highlighting that they are fundamental for who works the literary literacy. The literary literacy is seen at work as part/tool that has whint itself possibilities, the quality required for one to see more than the surface of both works, as also our position as thinking beings and critics, as well as the numerous ideologies steeped in the various discourses that construct who works in materialize not only the unparalleled quality of reading, literature, as also in the question of ideological constructions as well as the aesthetic qualities of literature and literary literacy.

Key-words: Literacy Literary; Literature; Reading; Ideologies.

¹ Doutorando da Universidade de Brasília – UnB. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Graduado em Letras – Inglês / Português e suas literaturas, pela Universidade Estadual de Goiás – UEG. Membro do grupo de pesquisa: Historiografia literária, cânone e ensino, da Universidade de Brasília - UnB. E-mail: igoralexandre@hotmail.com.

² Graduado em Letras – Inglês / Português e suas Literaturas, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Professor na Escola Municipal Osvaldo Cruz. E-mail: fabiosouzapaes@gmail.com.

INTRÓITO

Os desafios da educação, hoje em dia, vão além dos muros escolares. A educação deve ser a causa da mudança social, ou seja, ela deve procurar “falar a língua dos alunos, vivenciar seus problemas no – além-muro”, pode não ser tarefa fácil, mas, com certeza não é impossível, uma vez que, a escola consiga aliar a comunidade a seu favor, fazer com que cada pessoa viva e participe de suas atividades no cotidiano. Nas escolas brasileiras, um dos grandes desafios do ensinar é possibilitar uma aprendizagem relevante, acredita-se, ou nos ensinam a acreditar no fracasso escolar a partir do momento em que adentramos ao jardim de infância, em nossa alfabetização, não se propicia um aprendizado voltado à comunidade, mas sim, várias atividades repetitivas aplicadas aos alunos sem levar em consideração suas vivências e contextos sociais, mesmo crianças, como é de conhecimento comum, indivíduos em fase de desenvolvimento e formação.

A reflexão levantada neste trabalho é: de que forma o letramento literário possibilita o aprimoramento do aluno, não pensando somente no quesito do aprimoramento intelectual, como também, do mesmo como cidadão consciente de seus direitos, assim como, de seus deveres. Em outras palavras, do indivíduo lúcido que consegue enxergar-se dentro de um sistema, de um emaranhado que é a sociedade, ou melhor, que consegue enxergar toda carga ideológica que reside dentro dos inúmeros discursos que perpassam os vários textos que lemos todos os dias. Ou seja, mostrar a ideia de desconstruir valores estabelecidos, socialmente, em relação a inúmeros vieses sociais que constituem a sociedade em que vivemos.

O Letramento Literário pode contribuir na construção de uma sociedade mais crítica, como também, pode elevar o nível de aprendizado dentro e fora das escolas. Ao se pensar nessas inquietações, percebe-se que, a formação de um cidadão começa dentro de casa, e a escola pode aproveitar essa vivência social, e contextualizar de forma individual ao aprendizado dos alunos.

A proposta – conceito – do Letramento Literário busca ir além da mera/simple alfabetização, visa uma sociedade letrada, apropriada da leitura e da escrita, nesse ponto, considera-se a afirmação de Rildo Cosson (2009, pg. 23) quando diz que: “[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola”, um indivíduo ciente de que por meio da literatura pode-se muito mais do que

aprender a ler e a escrever. Pensar, criticamente, está implicado aqui no trabalho em enxergar os inúmeros discursos (construídos ideologicamente) que perpassam nossa sociedade.

Sendo assim, as hipóteses desenvolvidas no trabalho para sanar ou pelo menos que sirvam de ponta pé inicial, para discussões que se projetem em solucionar problemas que orbitam nesse universo são: a primeira se concretiza a partir da perspectiva da qualidade que reside no íntimo da literatura. Assim como, pela qualidade estética que encontramos em inúmeras obras literárias. Sem contar, com a qualidade que a arte, em sentido geral, possui uma qualidade que transforma/modifica e potencializa. Ainda nesse sentido, não se pode esquecer no poder transformador da leitura, que se concretiza como uma ferramenta importante para a aquisição de conhecimento, como também, ferramenta que possibilita a leituras não somente de nós mesmos, enquanto sujeitos críticos, como, também, a leituras ideológicas que existem em nossa sociedade.

A segunda hipótese se concretiza ao se pensar que a literatura possui não somente elementos que trabalham com o imaginário dos alunos, mas também, o transporta para uma “realidade” carregada de valores, carregada de elementos que propiciam o olhar para o eu interior, e esse olhar além de proporcionar à reflexão em inúmeros aspectos da vida, a literatura cria no indivíduo um lugar privilegiado. Ele pode “vivenciar” e analisar inúmeras situações (entre outras coisas, como, por exemplo, sentimentos), a partir da leitura, da literatura. Este tipo de qualidade estética encontrada em exemplares da literatura, aliada as inúmeras interpretações que podem ser realizadas do texto literário, abrem as portas para que o aluno veja de forma crítica a figura dele enquanto indivíduo inserido em uma sociedade, assim como, se posicione perante situações que demandem certa maturidade crítico-intelectual.

O mencionado deve ser levado em consideração, ao se estudar/ensinar literatura, uma vez que, leituras que não estão no cerne da vivência ou até mesmo do pensamento do alunado, raramente, serão lidas e pensadas de forma que se tornem relevante para o estudo de literatura. A seguir, salientar-se-á a qualidade e a importância da leitura, destacando que a mesma, se constitui mais do que apenas uma mera ferramenta de decodificação, mas sim, um dos meios mais eficientes e seguro para aquisição de conhecimento.

1. LEITURA: MAIS QUE UMA FERRAMENTA DE DECODIFICAÇÃO

O domínio do código da leitura e da escrita não nos torna seres superiores, ou detentores do conhecimento máximo, tampouco, sujeitos (multi)letrados, integrados às

práticas sociais de nossas comunidades, visto que, grande parte dos jovens chegam ao ensino médio sem uma boa relação com a leitura, as vezes, até sem relação nenhuma.

Nesta proposição, um questionamento que não se pode deixar de fazer é a relação que o analfabeto tem com a leitura. O que permite ao leitor não alfabetizado pegar um ônibus, uma linha de metrô, ou fazer compras em um catálogo de vendas? Sim, esta resposta vai além de: “ele pediu ajuda”, ou, “ele decorou os pontos”, ou ainda, “ele conhece as figuras”.

O ponto aqui é, justamente, o elo entre a leitura do mundo, e o mundo da leitura, o despertar da criticidade de cada indivíduo e a afirmação de sua identidade como cidadão. O que está em discussão, não é somente a leitura que se faz de textos escolares, literários ou acadêmicos, mas, também, o tipo de leitura que está se fazendo de contextos sociais, uma das finalidades pensadas aqui do Letramento Literário, o papel social da literatura, a saber:

A leitura é considerada uma atividade ao mesmo tempo individual e social. Individual porque depende do processamento que cada sujeito realiza para compreender, isto é, depende da realização de operações mentais como percepção, análise, síntese, generalizações, inferências, entre outras. Social porque, quando alguém lê, o faz em contextos específicos de interação e isso envolve diferentes comportamentos, atitudes e objetivos na situação comunicativa. A leitura envolve tanto a decifração do código ou decodificação propriamente dita quanto à construção de sentidos (ou construção de coerência) (SANTOS E MENDONÇA, 2005. pg.16).

Como mencionado, não é o fato do leitor não alfabetizado ter autonomia de pegar um ônibus ou saber conferir o troco do supermercado, mas, às práticas sociais por trás desses simples atos, que poderiam ser citados inúmeros, como, por exemplo, o fato de o leitor analfabeto não deixar de sacar seus vencimentos em um caixa eletrônico por exemplo. Nesse ponto, é importante ressaltar a diferença que existe em alfabetizar um indivíduo e realizar o letramento (seja ele qual for), e o que eles constroem e permitem na vida do mesmo, a saber:

As práticas de leitura e produção de textos desenvolvidos na escola, relacionadas a um “letramento escolar”, não se adequaria, conforme certas expectativas, ao desenvolvimento socioeconômico-cultural de nossa sociedade, em que os indivíduos convivem em contextos em que a escrita se faz presente de forma mais complexa. O ensino tradicional de alfabetização em que primeiro se aprende a “decifrar um código” a partir de uma sequência de passos/etapas, para só depois se ler efetivamente, não garante a formação de leitores/escritores. (SANTOS E MENDONÇA, 2005. pg. 19).

Lajolo (1997, pg. 46-51) faz considerações pertinentes neste mesmo sentido, analisando uma poesia de Cecília Meireles, retratada em um livro didático. “O Vestido de Laura” é o poema, e, após uma análise profunda na métrica, sintaxe e semântica do poema

feita pela autora, o que Lajolo questiona é o exercício proposto pelo livro, uma prática sem contextualização que ao educando não é permitido expor sua vivência, ideias, ou ainda, que o aluno possa expressar realmente o que o texto representa em seu contexto sócio familiar.

Ainda sobre a interpretação contextualizada, explorar elementos textuais que contribua para um relacionamento mais intenso com os alunos e o texto em particular nas mais variadas esferas da linguagem, que, cada leitor possa se sentir dono do texto, podendo interpreta-lo, refaze-lo e redesenha-lo de forma significativa daquilo que o autor deixou como silêncio, e não fique apenas como forma de exercícios repetitivos e sem relevância. Nesse sentido, cabe ressaltar a fala de Umberto Eco (2003, pg. 14-15) quando afirma que, “o mundo da literatura é um universo no qual é possível fazer testes para estabelecer se um leitor tem o sentido da realidade ou é presa de suas próprias alucinações”, ainda nesse sentido o mesmo autor afirma que:

A leitura de obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nela lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade de interpretação, pois propõem um discurso como muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades, da linguagem e da vida (ECO, 2003. pg.12).

Dentro do que se classifica por qualidade de leitura e valor da literatura, pela perspectiva de Lajolo (1997. pg. 33-35), a linguagem poética se mostrará mutável em uma essência sempre igual e alheia ao tempo, avessa à postura idealista, localizar os problemas de leitura em uma sala de aula e fazer apontamentos aos alunos, pode ser tarefa que não traga grandes resultados nesse momento, pois, busca-se primeiramente, entrar em contato com a leitura que tem este jovem.

A possibilidade da atualização da obra literária dependerá quase, exclusivamente, do que este jovem leitor traz consigo como leitura de mundo, ideologia, perspectivas político-sociais. A participação ativa de um aluno dentro da sala de aula pode resultar em um indivíduo socialmente ativo, capaz de tornar possível a mudança social, uma vez que, essa mudança é um dos objetivos dos multiletramentos, letramento crítico ou literário, a educação para além da sala de aula, e a educação para a cidadania, Rojo (2012), Soares (2015) e OCEM-LE (Brasil. 2006). As reflexões de Soares são muito pertinentes nas questões em torno de letramento, no que se refere à sua importância e efeitos, a saber:

Os efeitos de letramento provocavam uma formação identitária própria nos sujeitos. Isso podia ser observado nas mudanças sociais, econômicas, cognitivas e também políticas nas massas que incorporavam às forças de trabalhos industriais, a dominância do poder e a emergência na escola. Nessa perspectiva, grupos minoritários passavam a ter outra condição social ao se envolver e participar de práticas de letramento (SOARES, 2015. pg. 38).

O desenvolvimento da leitura pode ser buscado por meio de eventos de letramento que a pesquisadora propõe. A predominância da literatura por arte ou mera diversão apontada por Zilberman (1989. pg. 35), associada às práticas de letramento deve conduzir o ensino de literatura além daquilo que se considera apenas literatura de massa, a pesquisadora aponta o conceito que temos de literatura, arte e o valor da obra, que dentro desta noção de valor que o deposita em um conceito universal fora do tempo e da história, “quanto maior à distância” entre leitor e autor, “maior a arte” (ZILBERMAN, 1989. pg. 35).

Neste ponto, pode-se ver a literatura/arte sendo explorada de forma elitista, sendo um produto de consumo longe do alcance das massas, deixando de fora a grande população, e assim vamos tratando a prática do ensino de literatura, a literatura para separação e elitização, pelo simples fato de desconsiderarmos as literaturas tidas hoje como marginais, pois, se há uma margem, pressupõe-se que há um centro, centro esse, que, o educando não pode ser inserido, ou não se vê inserido. O poder emancipatório da literatura aplicado à contemporaneidade está ligado à cultura do indivíduo, um indivíduo excluído, que vive à margem da sociedade. Este é o aluno que a literatura visa resgatar como cidadão, conferindo novamente oportunidades. As possibilidades oferecidas pelo letramento literário trabalham neste mesmo sentido, oferecer ao indivíduo em escolarização uma educação além da sala de aula, dentre todas essas afirmações podemos nos basear em Matos.

(...) vemos que o conceito de cidadania envolve a tomada de decisões, ou práticas sociais por parte de sujeitos ativos localizados sócio historicamente e, ao mesmo tempo, imersos numa sociedade altamente globalizada. A educação para a cidadania dentro de novos conceitos de participação independente, competente e crítica do educando, é um dos principais objetivos do letramento crítico (MATOS, 2015. pg. 177).

O que sobra de classificação de período literário, falta em historização da literatura, em que se deveria enxergar a cultura de um povo. Vemos apenas as grandes obras, Matos mostra que dentro do conceito de cidadania, os sujeitos devem ser localizados historicamente para que alcancemos o objetivo de tornar um cidadão crítico até de suas próprias opiniões. Dentro de uma sociedade globalizada devemos o tornar independente, logo, imergir o

educando em textos literários sem contexto com a realidade que a escola passa na era digital, pode ser o caminho para o fracasso.

2. A LITERATURA, A SOCIEDADE E OS DISCURSOS

A relação à literatura e a sociedade vêm, a cada dia, se tornando mais precária, tanto no campo da leitura quanto no campo da compreensão, como também, no campo da autonomia e entendimento do que seja arte, e como a literatura influencia a sociedade e a sociedade influencia a literatura, e ainda, como estes podem de alguma forma, serem úteis no campo da educação e construção do saber de cada indivíduo. Vejamos a seguir, o depoimento de uma mãe publicado nas OCEM's (Orientações Curriculares para o Ensino médio), de 2006:

Arte é aquele conhecimento mais da delicadeza, não é? Fazer florzinha miudinha de papel, cinzeiro no dia das mães. Eu outro dia ganhei... [ri] É não? [Olha, sonda um pouco minha expressão...] É? Diga que eu não sei e vou bestando. Não sei dessas coisas não, meu negócio é mesmo o que o pessoal bota o nome de prendas do lar. Bom, mas. Basta. Não sei bem como é a coisa de escola... O que eu faço é trazer menino, apanhar menino... Reunião aqui é quase nunca e quando tem, não vou. Vou lá ouvir reclamação que eu não dou conta! Mas se a dona moça me pede assim, quer ouvir uma coisa qualquer da gente, eu não me faço de rogada. Como é mesmo a pergunta? Ah! Quando eu ia dizendo que arte é um trabalho assim mais maneiro, é que é assim mesmo. Pode até não ser, mas parece. É aquele trabalho que não é a luta de todo dia. Tá certo que tem uns que lutam com isso mas ... Arte é um que – fazer assim que inventa uma alegriazinha, a senhora compreende? Quer dizer, trabalho mesmo não é, que trabalho é como uma dor. E escola também. Pros pobres é. A gente acostuma porque é a vida e vai indo, vai indo. Perdi. Ali, sim: arte eu não sei. Não é isso das festas na escola? Acho que na escola não carece disso, não. Essa arte, não. Os meninos precisam ir levando jeito p'ra aguentar o trabalho daqui de fora. Se fica muito animado, aquela coisa frouxa, eles amolecem e aqui fora isso vinga não. (OCEM, 2006. pg. 51 APUD LINHARES, 2003. pg. 99).

A falta da compreensão, da interpretação artística da literatura ou da detenção ou restrição do conhecimento artístico na literatura gera conflitos sociais de separação, o medo de se expressar sobre arte ou sobre literatura na tentativa de definição é o que lemos acima. Se o objetivo deste trabalho é, minimamente, expandir a perspectiva de pensamento de uma sociedade por meio do letramento literário, como; um conhecimento libertário e/ou uma ferramenta que maneja elementos literários, precisa-se reduzir o discurso segregador do conhecimento como discurso de poder, neste sentido, a escrita deste é algo que busca trazer à tona, mais do que apenas demonstrar fatos, mas, também, busca-se refletir sobre o assunto de forma crítica, ou seja, não é apenas mostrar a qualidade do Letramento, mas também, nem que

seja de forma sutil, despertar no leitor o desejo de enxergar no objeto artístico, mais do que ele apresenta em sua superfície.

Em outras palavras, tratar a literatura apenas como forma de lazer ou entretenimento é abrir mão de um vasto campo de erudição e desenvolvimento do campo crítico e social dos educandos, visto que, na sociedade atual foram perdidos alguns valores de convivência social básica. Ao se pensar nos questionamentos supracitados, o depoimento mencionado e a perspectiva de como educar para a sociedade, precisamos entender primeiramente da influência causada pela literatura na sociedade e a representatividade nela expressa ou os costumes gerados por ela, como, por exemplo, a rebeldia dos jovens amantes Romeo e Julieta, de Willian Shakespeare, que ao terem seu relacionamento reprovado por suas famílias chegam ao extremo da morte para tentarem viver seu amor, e o que conseguem é apenas eterniza-lo pela morte.

Acreditar no ensino de literatura como ferramenta de formação intelectual e humanizador é o primeiro passo para que possamos de alguma forma, intervir na realidade social de algumas camadas da população, e isso é um processo de desconstrução de um discurso que aprisiona o leitor periférico, e, como todo processo de desconstrução demanda-se tempo, nesses termos, ao se pensar neste quesito, escolheu-se para guiar este artigo às ideias de Michel Foucault para a elaboração de discurso quiçá explorar os elementos existentes na construção do discurso, e Antônio Candido para os escritos de literatura e sociedade.

Deter a definição de arte, juntamente, com o discurso do que se enquadra ou não nesta definição, de forma que apenas as classes sociais mais elevadas tenham acesso, e não permitir outros modos de questionamentos acerca do que seja arte é tirar a oportunidade de formação intelectual e social do cidadão em processo de escolarização, permitir uma definição aberta do tema é o que propõe Candido, uma livre interpretação pessoal entre artista e público.

A arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, (...). Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; (...), isto é, o seu efeito. O fato da arte ser, eminentemente, comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicadas no artista, mais que transmissão de noções e conceitos (CANDIDO, 2006. pg. 25).

Além do mais, quando temos o aprisionamento do ser por meio de nossos preconceitos, sugerindo um discurso completamente inapropriado baseado em nossas convicções pessoais, como, por exemplo, a parte final da citação da mãe, na tentativa de definição de arte, publicado nas OCEM's 2006, "acho que na escola não carece disso, não.

Esta arte, não. Os meninos precisam ir levando jeito p'ra aguentar o trabalho daqui de fora. Se fica muito animado, aquela coisa frouxa, eles amolecem e aqui fora isso vinga”, existe uma ambiguidade bastante acentuada nesta afirmação, ao se interpretar as afirmações, salta-nos aos olhos duas vertentes, a primeira e mais óbvia é a social laborativa, em que a escola não precisa ensinar a fazer “florzinhas de papel” ou “cinzeiros para o dia das mães”, para que o menino não “frouxe” no sentido de ele não fique preguiçoso para o trabalho, e em uma vertente mais intrínseca neste discurso é de que ele não se “torne” homossexual ou se torne “delicado demais” para aguentar a dura realidade da vida que existe fora dos muros escolares, e, em ambas as interpretações perde-se o sentido libertador da arte. A saber:

Nesse mundo dominado pela mercadoria, colocam-se as artes inventando “alegriazinha”, isto é, como meio de educação da sensibilidade; como meio de atingir um conhecimento tão importante quanto o científico – embora se faça por outros caminhos; como meio de pôr em questão (fazendo-se crítica, pois) o que parece ser ocorrência/decorrência natural; como meio de transcender o simplesmente dado, mediante o gozo da liberdade que só a fruição estética permite; como meio de acesso a um conhecimento que objetivamente não se pode mensurar; como meio, sobretudo, de humanização do homem coisificado: esses são alguns dos papéis reservados às artes, de cuja apropriação todos têm direito (OCEM, 2006. pg. 52 - 53).

Logo, o ensino da literatura nas escolas não é menos ou mais importante que as outras disciplinas, mas, vemos nela (nas artes de modo geral), uma esperança de resgate da humanização do ensino, do resgate do ser humano por meio de sua intelectualização, a qual o indivíduo busque a sua própria liberdade por meio da literatura como arte, que esse indivíduo se aproprie de conhecimentos que ele tem direito, e busque sua liberdade de expressão de forma autônoma e firmada em conceitos que não se baseie em ditos populares, e acabe reproduzindo discursos de opressão, discriminatórios e segregadores.

2.1. A Sociedade

As bases sociais de formação do alunado iniciam-se quando ele adentra a vida escolar, ou deveria iniciar-se assim. A literatura é uma importante ferramenta dentro deste processo, ler tem um sentido mais amplo comparado ao ato de decodificar letras associando-as aos sons das sílabas, porém, socialmente, não é o que temos em prática hoje. A falta de uma leitura de qualidade e descontextualizada afeta bem mais que a vida escolar do educando, a falta desta leitura influencia sua vida social. Segundo Rojo (2009, pg. 75 - 79) a prática da leitura está completamente ligada à vida social do aluno que por sua vez, está associada à sua capacidade

de compreensão de mundo, de textos, de checagem de hipóteses, de retomada de informações, de comparação de informações, de generalização, de produção de inferências locais e globais.

Dentro de cada uma dessas capacidades a autora mostra a relevância da aprendizagem individual, crítica, participativa e colaborativa dos educandos que ainda “como um ato de se colocar em relação a um discurso/texto ou com outros discursos anteriores a ele, (...), gerando novos discursos textos” é uma forma que mais se aproxima ao conceito de letramento do que de alfabetismo (ROJO, 2009. pg. 79).

Em termos de letramento literário e sociedade pode-se buscar a priorização das práticas sociais da educação, não nos fixando nos moldes ditos tradicionais do ensino, destinando ao aluno percepções usuais da literatura em uma nova visão da realidade no que nos referimos ao ensino com inclusão social baseado nos escritos de Rojo. Organizar o rompimento entre os discursos opressores e excludentes sociais da colonização intelectual, propondo que haja o incentivo à criticidade por parte dos professores aos educandos é o início da grande revolução que propõe o Letramento Literário, como nova possibilidade de erudição, intelectualização e libertação da própria sociedade, permitir que novos questionamentos abalem as estruturas apontadas por Foucault, ou seja, é o mesmo que incentivar a pesquisa dentro das escolas, acerca do que é ensinado nos currículos escolares.

Uma das relações de influência da literatura sobre a sociedade é dizer que “a literatura é um produto social que exprime as condições de cada civilização onde ocorre” é citada por Candido (2006, pg. 23), portanto, estabelecer um discurso segregador / constrói estereótipos, ou que impõe apenas uma perspectiva de pensamento ou filosofia é o que estamos vendo acontecer todos os dias dentro da sociedade escolar, ideologias excludentes e discursos de ódio sendo reproduzidos até por aqueles que deveriam visar o desenvolvimento crítico dos alunos, assim como, incentivarem o desenvolvimento pessoal de cada educando dentro de sua individualidade, estimulando a capacidade de criação dentro dos limites de aceitação e respeito às diferenças, preservando acima de tudo as conquistas sociais.

Ainda neste sentido, salientar e reforçar a ideia de ideologia (ou construção ideológica) toma-se aqui por base as reflexões de Chauí (1980), para enfatizar nossa perspectiva de ideologia e discurso de poder, a autora remonta a primeira vez em que a palavra surge em uma publicação com data em 1801 em um livro de Destutt de Tracy, *Eléments d'ideologie* (Elementos da Ideologia), Cabanis, De Gérando e Volnei, os autores pretendiam elaborar uma ciência da gênese das ideias tratando-as “como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano (...) com o meio ambiente” (CHAUÍ, 1980. pg. 10),

a partir destes escritos a autora cita quatro desses elementos que seguem, “querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória)”.

A autora relaciona cada um destes pontos para fechar seus escritos sobre o tema, e um apenas fortalece o outro na ordem do discurso, para que se possa lhe assegurar o poder. Desde 1812, até nossos dias, os manifestos ideológicos ainda soam de forma pejorativa, como forma de imposição de ideias ou opressão por parte de grupos sociais, após uma declaração de Napoleão ao conselho de Estado, segue: “todas as desgraças que atingem nossa bela França devem ser atribuídas à ideologia, esta tenebrosa metafísica que, (...), quer fundar sobre suas bases a legislação dos povos em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições de história” (CHAUÍ, 1980, pg. 10 - 11), distorcendo por completo o que as marchas ideológicas sociais almejam alcançar. Logo, pode-se compreender o longo processo formador da literatura na sociedade, e a relação que se estabelece por frágeis laços, por falta de uma formação aprofundada em leitura e literatura, por vias e vezes que os discursos não visam à liberdade de aprendizagem, não rompem as cadeias fixas dentro da história literária conforme Foucault aponta:

A história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar todas as perturbações da continuidade, enquanto a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar, em benefício das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos (FOUCAULT, 2008. pg. 11).

Verifica-se neste ponto, que nem sempre é feito bom uso do conhecimento, do texto ou do discurso, que se aplica a cada um segundo seus próprios interesses, desde que não afetem sistemas herméticos que não permitam questionamentos, ou qualquer outra forma de pensamento crítico que gere relações de interação entre leitor e texto, ou que nunca permitam que a leitura nunca deixe de ser um ato de decodificação entre um sistema escrito para outro (oral) (ROJO, 2009. pg. 77), e que em nossas escolas apenas se ensine à junção entre sílabas para formar palavras, sem contextos, sem leituras sociais, e ainda mais, sem ensinar a desconstruir os velhos e obsoletos paradigmas que existem em nossa sociedade, que tanto precisam ser desconstruídos para que nos tornemos mais humanos.

2.2. A Literatura

A ampliação do acesso à educação provocou uma mistura muito grande de culturas, raças e gêneros, velocidade que não foi acompanhada pelos currículos escolares que ainda se

prendem ao canonizado, a heterogeneidade presente agora nas salas de aula reflete, diretamente, no que sempre foi deixado às margens da sociedade, um exemplo bastante prático, é a própria profissão do professor, “uma profissão que conferia status às moças de classe média e alta, agora, ascensão social para os que pertencem às classes mais pobres da sociedade” (ROJO, 2009. pg. 86).

A profissão professor perdia o *glamour* para as tais moças, porém, favorecia as baixas classes sociais, davam chances de voz a eles que por sua vez sempre foram calados por um ensino altamente elitista, uma vez que, a total intenção sempre foi a busca pela identidade europeia dentro do ensino. O ensino de literatura não poderia ser diferente, o ensino padronizado e fixo dos currículos, não permitem a busca do educando por sua identidade dentro de páginas por vezes carregadas apenas de estereótipos e físicos caricatos de negros, índios ou homossexuais, pobres, mulheres, de maneira em geral tudo aquilo que chamamos de “minorias”. O pouco que se buscou durante a evolução do ensino foi quando começamos a ter consciência da nossa própria diversidade social, dentro das palavras de Cândido:

À medida que fomos tomando consciência da nossa diversidade, a eles nos opusemos, num esforço de auto-afirmação, enquanto, do seu lado, eles nos opunham certos excessos de autoridade ou desprezo, como quem sofre ressentimento ao ver afirmar-se com autonomia um fruto seu (CÂNDIDO, 2006. pg. 114).

A apropriação de nossa identidade brasileira foi o que nos levou a se opor ao colonizador, mesmo assim, só recentemente começamos a pensar em um ensino que fosse realmente inclusivo, a OCEM's (Orientações Curriculares do Ensino Médio), foi apenas uma nova forma de ver o ensino literário no Brasil, tratado como o próprio nome diz, são apenas orientações, no ensino regulamentado da literatura não houveram mudanças.

O aprisionamento do ensino de literatura se dá a este efeito como quem apenas quer dar continuidade à prática literária de forma vazia e sem sentido, reproduzindo e reproduzindo discursos já ultrapassados e não inclusivos. Cândido já havia observado e pontuado questões que seguem esta perspectiva, sobre a influência na filosofia e sociedade, que influenciam e é influenciado por ela “o ponto de vista preponderante nos estudos filosóficos e sociais quase até os nossos dias foi, para usar uma expressão corriqueira, o do adulto, branco, civilizado, que reduz à sua própria realidade a realidade dos outros” (CÂNDIDO, 2006. pg. 44).

O conceito da literatura na sociedade ou escola, segundo Cândido (2006), ou Cosson (2012) é sempre o mesmo, buscar afirmar a identidade do aluno, com respeito e acima de tudo proporcionando aos integrantes destes grupos uma formação firme, com bases sólidas para

combater com argumentos todo o tipo de violência oferecido. Ao tornar um indivíduo leitor, mais que um intérprete de grafemas, um indivíduo dotado da capacidade interpretação de mundo/texto/discurso/sociedade, dando a ele a possibilidade de construir uma nova realidade, para os que o rodeiam e para si mesmo, sendo assim, rompe-se o ciclo vicioso, em que a leitura e escrita passam a ter uma verdadeira concepção social, e com conteúdos realmente significativos.

A saber, de cada organização social, analisadas pela sociologia e literatura, por meio de Candido podemos atribuir a formação de cada grupo étnico de nossa sociedade (CANDIDO, 2006. pg. 47), a proximidade por gostos e a contrariedade também, essa aproximação ou distanciamento por afinidades estão intrinsicamente ligados ao discurso e a literatura.

2.3. A organização dos Discursos

A manutenção dos processos de poder por meio do discurso é a prática mais comum de dominação social/intelectual, a relação educando/educador foi analisada por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1987), em uma relação que sempre foi vista como transferências de conhecimentos, sendo que, o professor sempre teve o poder por ser o portador do conhecimento, repassava discursos que não deveriam ser questionados pelos educandos nem mesmo interpretados, deveriam apenas serem reproduzidos. Estabelecer relações de poder do professor para com o aluno, não tem nada a ver com aprendizagem ou respeito, e sim apenas com o controle, e seja este controle relacionado à “organização”, e ainda complementa Freire, “encher” os educandos de conteúdos de sua narração (FREIRE, 1987. pg. 37), uma mera transmissão de conhecimentos, o repasse do discurso outrora obtido quando ainda era aluno, sem levar em consideração a significação do conteúdo discursivo, se este, vai atingir o público alvo.

Pior que não atingir o público, é continuar a insistir em um discurso excludente, que trate o aluno apenas como alguém que precise do conteúdo “transmitido” pelo professor, como se aquele discurso fosse um conteúdo que preencheria um recipiente vazio, assim não levando em conta o lado social da educação, nem a visão de mundo do aluno tivesse relevância em sua própria aprendizagem. O discurso pode então mecanizar, deixar estático e sem produtividade o ensino, ou torna-lo amplo e inclusivo, esses discursos de poder são analisados a partir de uma sociedade subdesenvolvida e com estruturas ainda frágeis como a nossa. Formar cidadãos que combatam discursos opressores por meio da leitura e escrita

voltados à prática social é o intuito, jamais invalidando outras teorias pedagógicas, mas, acreditando na inclusão escolar por meios pouco explorados, incluindo novas formas avaliativas.

Mostrar-se ameno, brando e até mesmo “imparcial” em um discurso, seja ele de qualquer ordem ideológica é impossível, uma vez que, o discurso é de dualidade simultânea com a sociedade e a literatura e um está completamente ligada a outro, Foucault nos mostra essa impossibilidade dizendo que antes que venhamos emitir uma voz, “ela já nos precedia há muito tempo” (FOUCAULT, 1999. pg. 02), e isto tem ligações íntimas com a visão de mundo que cada um carrega consigo.

Um indivíduo oriundo de classes sociais menos favorecidas, deixados à margem da sociedade, ensinado na escola que jamais se deve questionar, é propenso à reprodução da cultura de exclusão que vivenciou. Diferentemente, daquele que teve a oportunidade, apesar de sua baixa classe social, de ser instruído a sempre pensar criticamente na sociedade, como organismo vivo e de constante mudança, ao exercer o seu direito cidadão de educação, cada interpretação de texto/discurso, vai depender do contexto em que o indivíduo é inserido socialmente, portanto, não há imparcialidade em um texto, não há imparcialidade na produção de um texto, pois, ele é transpassado por inúmeras vozes que são consolidadas a partir das ideologias internas do texto.

3. LETRAMENTO LITERÁRIO: DESCONSTRUÇÃO DE PARADÍGMAS

O conhecimento estratégico que está relacionado à leitura em conjunto com todas as peculiaridades do texto literário, que segundo Umberto Eco é um texto aberto às inúmeras leituras, ou seja, ele está em plena construção de significados, e permitem várias interpretações, isso proporciona não só o aprimoramento da leitura, como também, ao entendermos que o texto transforma o imaginário do leitor, assim como, permite a emersão no campo do simbólico, isso em conjunto com uma carga de elementos linguísticos, permite que a leitura que é uma ferramenta tão importante para os dias atuais (assim como foi no passado), seja realizada com maior nível de profundidade/criticidade.

À medida que o letramento literário é realizado, e a leitura é aperfeiçoada consegue-se ler não só o que está apresentado na superfície do texto, mas, consegue-se realizar uma leitura profunda (nas entrelinhas), e, é essa leitura que proporciona o olhar crítico que desagrega do texto, todos os pormenores inseridos no texto, inclusive as construções ideológicas. Nesse sentido, Rildo Cosson (2012. pg. 15) pontua que, “se uma imagem vale por mil palavras,

mesmo assim é preciso usar a língua para traduzir as imagens e afirmar esse valor”, sendo assim, as várias linguagens utilizadas pelos educandos podem nos ajudar a entender a leitura de mundo que devemos fazer de cada aprendiz em sala de aula, preservando a identidade social e individualidade de cada um.

A interpretação desta leitura de mundo deve ser atrelada ao mundo de leitura do aluno, como afirma Lajolo (1997. pg. 12), quando se refere sobre “o que fazer com ou do texto literário em sala de aula”, esta afirmação vem apenas para confirmar sobre a importância do texto literário, e como ele vem sendo tratado nos currículos escolares, em que se apresenta ao alunado apenas o cânone. Em momento algum, tanto no ensino de linguagem ou de literatura, é deixado o cânone ou a gramática normativa de lado, mas, sim, são incluídas outras formas de leitura junto às novas interpretações que são deixadas de lado nas problematizações teóricas, que se tornam irrelevantes ou elitistas em frente nossa situação precária neste ensino finalizando as afirmações da autora.

Nas escolas brasileiras, um dos grandes desafios do ensinar é proporcionar ao alunado, um aprendizado que possua relevância. Nesse sentido, salientam-se os questionamentos levantados pelo grupo: “Nova Londres”, no que diz respeito a este ensino com relevância social, a saber:

O que é uma educação apropriada para mulheres, para indígenas, para imigrantes que não falam a língua nacional, para falantes dos dialetos não padrão? O que é apropriado para todos no contexto de fatores de diversidade local e conectividade global cada vez mais críticos? (GRUPO NOVA LONDRES Apud ROJO, 2012. pg. 12).

Ao discutirem-se novas ferramentas (possibilidades), pedagogias ou filosofias de ensinamentos visa-se o que se torna relevante, novas formas trazem novos desafios e dentro da área de letras o estudo dos novos letramentos é tratado por/pelos múltiplos letramentos, ou seja, as várias outras formas de – letrar – um indivíduo. Neste sentido, Rojo (2012) nos faz passear por um mundo de diversidade, lugar esse que mistura raças, cores, culturas, linguagens híbridas, fronteiriças e mestiças, (de modos, mídias e culturas), além de um texto interativo, deve-se buscar o colaborativo, pois, o conjunto mencionado ultrapassa as relações de poder pré-estabelecidas, e as relações de propriedade, mostrando que esta nova configuração de texto que vai além da forma tradicional da escrita, como também, rompe a ideia de um único significado e/ou leitura.

Dentro da capacidade de interpretação de mundo, o que define a comunicabilidade depende quase que exclusivamente do leitor, da forma que ele possa interpretar e discutir sobre ela, os textos literários se tornam então uma ferramenta de aprendizagem individual para expressões no coletivo, como afirma Rojo (2015, pg.117), “os grandes projetos coletivos não têm mais lugar”. Nesse sentido, Cosson afirmar que:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da escolarização, promovendo o Letramento Literário (COSSON, 2012. pg. 17).

Ao se pensar em tudo que está no âmbito da efervescente inquietação temática, construímos o seguinte pensamento, buscar novos instrumentos pedagógicos e novos meios de ensino na literatura escolar, nos parece que já vem sendo feito, isto, ao observarmos todo o processo de ensino de literatura, o professor de literatura na escola tem certa “autonomia” de escolha e independência na sala de aula, para a contextualização do material, apesar do currículo escolar tentar barrar essa prática, justamente, por fugir ao cânone.

Investigar o que está sendo consumido pelos jovens, no que se refere à literatura pode ser de tão grande ajuda, quanto mostrar que muitas dessas leituras foram inspiradas nas leituras consagradas ao cânone literário, ou seja, não é deixar de lado a periodização da literatura, suas grandes obras e autores ou características, mas sim, aplica-las também dentro da contemporaneidade do ensino. Conseguir meios de expressão, afirmação de identidade pode ser uma “experiência a ser realizada por incorporação do outro sem mim”, como afirma Cosson (2012, pg. 17), estar diante de uma turma desmotivada sem muita leitura textual propriamente dita, pode ser desestimulante ao educador, pois, no ensino atual não há por onde ter pontos de encontro entre o que é ensinado e o que é consumido por estes jovens leitores, pois, boa parte dos alunos chega ao ensino médio sem uma leitura fluente e com profundidade.

Uma exploração de potencialidades dos aprendizes, no que se refere a linguagens e escrita, mostrando a eles que a boa prática da leitura desvelaria a arbitrariedade imposta e padronizada pela sociedade, conseguindo esta transgressão (ou agressão que vai além do currículo – cânone – já mencionado), nesse sentido, os professores conseguiriam chegar ao mundo peculiar do educando. Várias estratégias poderiam ser tomadas, como, por exemplo, tornar contemporâneo, talvez, uma canção do trovadorismo, comparando sua estrutura às

canções de rap na atualidade. Dar voz ao aprendiz pode ser de suma importância à sua aprendizagem, permitir que o aluno vá além do texto, tire suas próprias conclusões em uma relação de mediação, o professor não seria o detentor do conhecimento, mas, o guia das reflexões que devem ser levantadas em sala de aula, assim como mostra Zilberman (1990, Apud COSSON, 2012. pg. 20), os textos literários da Grécia antiga tinham por princípio básico educar moral e socialmente o povo.

Ainda nesse sentido, Freire salienta que, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1994. pg. 12). Tratar a prática de ensino como mera transferência de conhecimento é ancorar, ainda mais, a educação é deixa-la incapaz de tornar o educando crítico ou autônomo da aquisição de seu conhecimento. Segundo ainda orientações de Freire:

O necessário é que, subordinado, embora à prática "bancária", o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o "imuniza" contra o poder apassivador do "bancarismo" (FREIRE, 1994. pg. 13).

Ainda hoje, no ensino médio, este ensino se mostra pouco evoluído, pois, “o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, usualmente sua forma mais indigente, quase como apenas sua cronologia literária (...), formas fixas e alguma coisa de retórica, em uma perspectiva para lá de tradicional” (COSSON, 2012. pg. 21). Ao se deparar com tal afirmação, percebe-se que a estrutura do livro didático é formalista, e no quesito do ensino de literatura é realizado de forma quase exclusivamente historiográfica.

Perde-se então, a função social e formadora da literatura a partir do momento em que ingressamos na escola, o hermetismo do currículo e a tradição do ensino não permite explorar o lado crítico e atual da literatura clássica, vendo que mesmo anos, décadas e até mesmo séculos depois, os textos literários não perdem seu valor ou contemporaneidade, também a falta de leitura do professor pode agravar ainda mais esta cena tão precária em que nos encontramos.

O professor pode não gostar de contos machadianos, ou de poesias de Camões, mas, deve ter conhecimento o suficiente para elucidar dúvidas e comenta-las dentro de sala de aula, lembrando sempre que, a leitura do texto literário é de suma importância para o ensino de literatura, e não somente a leitura da crítica literária, que em sua grande maioria já engessou vários pressupostos tanto sobre o texto, como também, sobre os elementos que constituem o mesmo.

Em uma via de troca de conhecimento, o professor pode igualmente não gostar de rap, ou saber sua estrutura, mas, com o auxílio de um jovem aluno, o mesmo pode aprender a decifrar as rimas, contar suas sílabas poéticas e aprender mais a linguagem que passa seus intérpretes, as aliterações construídas, assonâncias, jogos de palavras entre outras características, que ligam elementos poéticos (da poesia) com elementos musicais, como, por exemplo, o ritmo, elemento primordial não somente na música e na poesia, como também, para a vida, assim como salienta Mario de Andrade em sua obra: *Pequena História da Música* (1953, pg. 13).

Assim sendo, são perceptíveis as ligações internas da literatura com outras formas artísticas. E, não somente isso, como também, a ideia que as artes se ligam, ampliam ainda mais o campo semântico, assim como, as possibilidades de se alcançar o aprimoramento intelectual. E a concretização desta ação humanizadora da literatura, como também, o despertar em relação às ideologias construídas no seio da sociedade. Ao se pensar no todo mencionado, percebe-se que uma das ferramentas que possibilita toda essa interação de forma proficiente, é, justamente, a leitura. As inúmeras formas de leituras, assim como, as possibilidades que a mesma possui dá e ela um *status* de meio privilegiado de enxergar o mundo, nesse sentido, Lajolo e Zilberman salientam a respeito da qualidade da leitura que:

Ela apoia-se em uma “sociologia da cultura”, “em um processo de aburguesamento, assume traços específicos e identifica-se com o que modernamente se chama de literatura”, (...). É nesse sentido que se entende que o texto literário como metalinguístico: não somente por ele tematizar seu processo de produção, mas também por apontar para as articulações que mantém como sistema aberto de significações (LAJOLO e ZILBERMAN, 2009. pg. 09 - 10).

Visualiza-se, então, a literatura apenas como forma de informação, sem fins culturais ou de cunho de desenvolvimento intelectual, ou que ela não seja capaz de causar mudanças sociais pode ser de certa forma até perigoso, a interdisciplinaridade pode ser eficaz neste ponto, para romper certas amarras que prendem, figurativamente, o imaginário do indivíduo, permitindo assim, que o texto literário seja capaz de levar o educando a frente de questões, como, por exemplo: “o que o autor quis dizer”, ou de questões que não ultrapassem quesitos historiográficos.

CONSIDERAÇÃO FINAL

O que se buscou com este trabalho não é a invalidação de sólidas teorias literárias, ou a construção de manuais pedagógicos, mas sim, revisitar e (re)significar práticas antigas, dando ou tentando dar um novo sopro de vida para as mesmas, muito menos seria encontrar

alguma forma de definição para literatura, sociedade ou discurso, baseando-se nos próprios escritos de Foucault e na tentativa de não exercer formas fixas de discurso, tentando deixar a cargo do alunado a livre interpretação como forma de autonomia e amadurecimento intelectual.

Permitir a autonomia do educando, oxigenar suas ideias a fim de que sua criticidade seja estimulada a partir de textos literários que tenham significação e relevância em sua aprendizagem, fazer este indivíduo perceber o sistema social no qual está inserido é um sistema orgânico, vivo, e como tal, sempre haverá algum discurso de manipulação. Seja esta manipulação midiática, discursiva ou escrita. Outro ponto importante é ressaltar a importância da cultura miscigenada brasileira, que em muitas vezes é desvalorizada entre os jovens.

Estabelecer conexão escolar entre a arte, cultura e sociedade é um desafio que adentra nossas portas escolares, do mesmo modo é fazer com que este ensino saia das salas de aula, e se repita na vida de cada um desses alunos, fazendo-os compreender que arte e cultura estão simultaneamente conectadas, e que o conceito de cultura trazido apenas pelos dicionários brasileiros é insuficiente para definir apenas como um objeto. Podemos não gostar de músicas como o funk ou o rap, mas, devemos enxergar nestes a oportunidade de voz das comunidades pobres, e com pouca escolaridade, e ainda assim, vemos nestes discursos formas de empoderamento social, uma forma simples de se obter visão aos que sempre foram esquecidos.

Ao se utilizar estas linguagens atingimos a atenção dos alunos e assim podemos (re)significar suas práticas discursivas, uma vez em que, nossa sociedade se comunica por meio do conceito de signos, e estes são “marcados pela sua época e por um grupo social determinado” (CARDOSO, 2010. pg. 02), ou seja, permitir o questionamento e incentivar a criticidade no ensino altera o significado da linguagem, pois, a interpretação de determinados signos depende unicamente do ouvinte, a quem se dirige o discurso.

Em suma, a construção de paradigmas não é algo novo em nossa sociedade, muito menos, nos textos que foram e são lidos. Porém, a concepção do profissional (aqui pensando na figura do professor – educador), não deve estar ofuscada, e ele deve de forma crítica pensar, observar e mostrar todo e emaranhado ideológico que existe ao nosso redor, esse tipo de perspectiva deve ser trabalhada com os alunos, pois, o caleidoscópio de possibilidades do aluno chegar a centrar-se e enxergar-se dentro da construção social serão muito maiores, e o material que possibilita esta ação ímpar é o texto literário, justamente, pela sua qualidade estética, organizacional em sentido geral, como também, ao se pensar que ele usa a língua como elemento primário, entre tantos outros fatores que cabem dentro dele ou que ele dá

possibilidades para tal, e que dialogam de forma concisa. E é justamente esta criticidade, somada com o conhecimento desperto pela literatura, que o professor precisa compartilhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mario de. *Pequena História da Música*. São Paulo. Ed. Livraria Martins. S.A. 1953.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM: Linguagens códigos e suas tecnologias*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os Clássicos*. Trad. de Nilson Moulin. São Paulo. Companhia das Letras. 1993.

CÂNDIDO, Antônio: *Literatura e sociedade*. 09 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Ana Carolina: *Linguagem, discurso e ideologia, Linguagens e diálogos*. v.1, n.1, p. 122-127, 2010.

COSSON, Rildo: *Letramento literário: Teoria e prática*. 02 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CHAUÍ, Marilena: *O que é ideologia*. 02 ed. Editora: Brasiliense. 1980.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. Tradução: Eliane Junke. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FOUCAULT, Michel: *A arqueologia do saber*. 07 ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

_____: *A ordem do discurso*. 05 ed. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

FREIRE, Paulo. *A pedagogia do oprimido*. 11 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *A pedagogia da autonomia*. 25 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

LAJOLO, Marisa: *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina: *A leitura rarefeita*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2009.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. *Construindo Cidadania nas aulas de Inglês: uma proposta para o letramento crítico*. Parte II – Questões de ensino de Línguas, Literaturas, Currículo e Cidadania, pags: 171 – 191. IN: TAKAKI, Nara Hiroko – MACIEL, Ruberval Franco (Orgs.). *Letramentos em Terra de Paulo Freire*. Campinas –SP. Pontos Editores, 2014.

REIS, Leonardo Borges: *Linguagem e política no pensamento de Chomsky*. 1º ed. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2013.

ROJO, Roxane. *Diversidade cultural e de linguagens na escola: Pedagogia dos multiletramentos*. São Paulo, Parábola Editorial, 2012.

_____. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo, Parábola Editorial, 2009.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. 1º ed. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Carmi Ferraz & MENDONÇA, Márcia. *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. 1º ed., 1º reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Eliana Aparecida Prado Verneque. *Momentos de letramentos críticos e suas implicações nas aulas de língua inglesa no ensino médio de uma escola pública*. 2015.

ZILBERMAN, Regina. *Sim, a literatura educa*. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. *Literatura e pedagogia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

ZILBERMAN, Regina: *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática. 1989.

Recebido em: 21/08/2017

Aprovado em: 25/10/2017